

O PARTICULAR E O UNIVERSAL: A “negação” como resistência à identidade na dialética adorniana

Fabiano Leite França⁴⁶

Resumo

O propósito deste trabalho circunscreve-se na tentativa de delinear o que Theodor Adorno (1903-1969) compreende pelas expressões “particular” e “universal” posicionando-as como o alicerce desde onde se erigem as formulações do filósofo alemão acerca do papel da negação no âmbito de uma dialética negativa em contraposição à dialética idealista de Hegel. Fundamentalmente, busca-se demonstrar o posicionamento crítico de Adorno frente à síntese conceitual da dialética idealista, evidenciando a negação como força motora da dialética e instância que impõe resistência à redução do não idêntico à identidade.

Palavras-chave: Adorno; Negação; Particular; Universal.

THE PARTICULAR AND THE UNIVERSAL: The "denial" as resistance to identity in Adorno's Dialectic

Abstract

The purpose of this study is limited in an attempt to delineate what Theodor Adorno (1903-1969) understand by expressions "particular" and "universal", positioning them as the foundation from which stand the formulations of the German philosopher about the role of denial under a negative dialectic as opposed to the idealist dialectics of Hegel. Fundamentally, we seek to demonstrate the critical positioning of Adorno opposite the conceptual synthesis of idealist dialectics, emphasizing the negation of dialectics as a driving force and feature which imposes resistance reduction of the not identical to the identity.

Keywords: Adorno, Denial, Particular, Universal.

* Mestrando em Filosofia pela UFMG, sob orientação da Profª. Giorgia Checchinato. Contato: fabiano.fil@hotmail.com.

Introdução

Na esteira dos desdobramentos da tradição do pensamento dialético, assistiu-se a sucessivas problematizações e polêmicas em torno da tentativa de compreensão dos conceitos de “particular” e “universal”, bem como de suas possíveis relações entre si. De Heráclito de Éfeso a Theodor Adorno, passando por Platão, Fichte, Hegel e Marx, a dialética perfaz uma “aventura galante” iniciada na Grécia clássica e herdada no século XX como uma ferramenta para a crítica de si mesma e do *modus operandi* do pensamento ocidental.

O presente texto não pretende abordar todos os autores supracitados, tampouco suas concepções de “particular” e “universal” no âmbito da dialética, o que seria demasiado pretensioso dado as limitações do autor; ainda que não houvesse tais empecilhos, uma explanação desta grandeza excederia o escopo de um modesto artigo. Entretanto, este trabalho orienta-se pelas questões: 1) Qual a identidade e a diferença entre o “particular” e o “universal” e como ambos se relacionam?; 2) Qual é o papel da “negação” no domínio de uma dialética negativa?

Mais especificamente, objetiva-se verificar as possíveis identidades e diferenças entre as expressões “particular” e “universal” no contexto da dialética adorniana em contraposição à dialética hegeliana. Realizada a verificação, o trabalho prossegue na tentativa de delinear o papel da “negação” como resistência à identidade no pensamento de Theodor Adorno. Com efeito, a análise dos conceitos de “particular” e “universal”, dialeticamente justapostos, será o fundamento da discussão subsequente no espaço deste artigo.

Para a realização deste empreendimento, duas concepções de dialética estarão em jogo, a saber: a dialética idealista de Hegel e a dialética (não idealista) de Adorno. Da sucinta análise e do confronto das concepções de dialética em ambos os autores, desponta-se, sobretudo, o modo que cada qual concebe a relação sujeito e objeto, identidade e diferença, bem como o papel da “negação” no interior da dialética.

Partindo-se do pressuposto de que as constatações de Hegel e Adorno acerca do papel da negação no âmbito da dialética são distintos, a hipótese deste artigo é que: dada a insuficiência da negação na dialética hegeliana na medida em que seu terceiro momento, a síntese, é a negação do negativo, que subsume ou reduz as particularidades objetivas (que se negam mutuamente) à universalidade abstrata da identidade, o verdadeiro trabalho da negação é destituir o caráter positivo da dialética estabelecido por meio da negação.

Para finalizar esta introdução, é prudente ressaltar que a estrutura formal do texto que se segue, visando ser fiel ao “título-tema” proposto, se desdobrará em três tópicos: 1) O particular e o universal; 2) A Síntese conceitual [ou: a negação da negação]; 3) O crepúsculo da identidade. Esses tópicos serão seguidos de um único balanço avaliativo dos resultados do trabalho sob o título de “Considerações finais”.

1. O particular e o universal

Sob a perspectiva da linguagem ordinária, a expressão “particular” e a expressão “universal” estão situadas e são compreendidas uma em oposição à outra. Ora, a particularidade equivale a uma parcela de um determinado conjunto; este conjunto engloba uma totalidade de elementos, sendo, destarte, definido como universal. Entretanto, no decurso da história desses termos, muito distintas e não menos conflituosas foram suas concepções, sobretudo quando trazidas para a esfera do debate e da especulação filosófica, que, por sua vez, dispõe de instrumentos e métodos próprios para realizar suas investigações.

Como não poderia ser diferente, considerando os propósitos deste trabalho, os conceitos de particular e universal serão analisados no domínio do pensamento dialético, contrapondo a dialética hegeliana à adorniana, privilegiando, contudo, a leitura que Adorno empreende acerca das assertivas de Hegel.

No prefácio à “Dialética negativa”, Adorno alerta que a pretensão de sua obra é emancipar a dialética de sua natureza afirmativa, tal como em Platão e Hegel. Nas palavras do filósofo

de Frankfurt: “Já em Platão, ‘dialética’ procura fazer com que algo positivo se estabeleça por meio da negação; mais tarde, a figura de uma negação da negação denominou exatamente isso”.⁴⁴⁷

Em largas linhas, a dialética de Hegel se apresenta em três momentos circunscritos na tese, na antítese e na síntese. É precisamente ao terceiro momento, à síntese, “como ideia diretriz e suprema” que se dirigem as aporias de Adorno à dialética formulada pelo seu predecessor. O filósofo frankfurtiano aponta para a insuficiência da síntese conceitual na medida em que esta, por intermédio da abstração do conceito, procura absorver nele aquilo que é heterogêneo ao próprio conceito.

Adorno⁴⁴⁸ adverte que a síntese conceitual na dialética hegeliana transfigura a contradição em identidade, isto é, ela absorve na identidade abstrata do conceito os elementos antagônicos e não idênticos, a partir do pensamento da unidade. Nesse sentido, a dialética idealista realiza sínteses compulsórias na medida em que a consciência, enquanto experiência do espírito absoluto, impele o pensamento a impor unidade.

Para salvaguardar a dialética da compulsão à totalidade universalizante da síntese, Adorno, no polo diametralmente oposto à Hegel, pauta-se no primado do objeto para não incorrer no equívoco de deduzir da identidade e da não identidade a identidade. Porém, o primado do objeto para o filósofo de Frankfurt não prescinde do momento subjetivo, mas pretende destituir a superioridade hierárquica do sujeito relativamente ao objeto, uma vez que ambos “se constituem um por meio do outro tanto quanto se diferenciam em virtude de uma tal constituição”.⁴⁴⁹

A dialética idealista enquanto reflexão epistemológica tende a unificar sujeito e objeto objetificando-os em uma identidade suspeita. Ou seja, o espírito absoluto, como

⁴⁴⁷ ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 07.

⁴⁴⁸ Cf. ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 13.

⁴⁴⁹ ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 150.

consciência (subjéitiva) externa à relação sujeito-objeto prescreve e determina a unificação dos dois polos. Destarte, a dialética idealista de Hegel, do mesmo modo que reduz o não idêntico à identidade e faz da síntese a negação da negação, “desdobra a diferença entre o particular e o universal, que é ditada pelo universal”.⁴⁵⁰

Faz-se a dificuldade de se realizar definições conceituais ao interpretar o pensamento de Adorno uma vez que a dialética negativa, enquanto proposta de um antissistema, prescinde da necessidade de construir um edifício conceitual dogmaticamente fechado e encerrado em si mesmo, temendo engessar o devir do objeto conceituado e o devir histórico ao qual o próprio conceito está sujeito. Logo, lidar com definições de conceitos no pensamento de Adorno é, no mais das vezes, problemático.

No entanto, o conceito de universal, em princípio e precariamente, pode ser definido como aquilo que, tanto a consciência subjéitiva individual como a consciência (subjéitiva) do espírito absoluto, subsume ou equaliza na unidade abstrata do conceito, elementos e aspectos da realidade qualitativamente distintos, diversos. Ao passo que o conceito de particular, não menos precária e momentaneamente, pode ser determinado como aquilo que possibilita a subjéitividade operar no sentido de realizar sínteses conceituais.

A determinação conceitual e, por isso, subjéitiva, de um determinado objeto, é o aspecto que mais se aproxima da possibilidade de definição do conceito de universal. Daí emerge o caráter necessário dos dois polos no âmbito da relação sujeito e objeto; relação que, no pensamento de Adorno, apresenta-se análoga e respectivamente aos conceitos de universal e particular.

Nesta perspectiva, o particular refere-se a tudo aquilo que, embora sob o domínio do conceito, é ou comporta-se como não idêntico, singular, heterogêneo, múltiplo, divergente, dissonante, negativo. O particular, no contexto de uma dialética fundamentada no primado do objeto, incontinentemente resiste à coerção do pensamento conceitual que insiste dominá-lo.

⁴⁵⁰ ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 14.

O particular é um conceito, todavia, é um conceito ciente tanto de sua insuficiência em corresponder integralmente ao objeto conceituado quanto de sua sujeição (enquanto conceito) ao devir histórico.

Segundo Adorno, o universal é condição de determinidade e de identificação do particular e não aniquilação do negativo, força motora da dialética. A síntese hegeliana, ao imputar a identidade subsumida da diferença, sobrepondo à negação outra negação, estatui conceitualmente a universalidade deduzida de particularidades antagônicas. O universal, na dialética idealista, simula a identidade do não idêntico, conferindo homogeneidade ao heterogêneo, unidade à multiplicidade, consonância ao dissonante, positividade ao negativo. Com efeito, o universal enquanto síntese promove uma espécie de estado de falsa conciliação.

Embora Adorno ratifique o caráter necessário da justaposição antagônica dos conceitos de particular e universal, o autor, por outro lado, alerta para o caráter ilusório dessa contraposição ao dizer que:

Também a antítese entre universal e particular é tão necessária quanto falaz. Nenhum dos dois existe sem o outro; o particular só existe como determinado e, nesta medida, é universal; o universal só existe como determinação do particular e, nesta medida, é particular. Ambos são e não são. Este é um dos motivos mais fortes de uma dialética não-idealista.⁴⁵¹

Nessa medida, a advertência de Adorno repousa sobre a ideia de que tanto a concepção de particular quanto a de universal são determinações conceituais, portanto, universais, o que legitima o caráter necessário do conceito enquanto *organon* do pensamento. Porém, o que Adorno exige do conceito é aquela contraparte não apreendida no processo de abstração, isto é, aquilo que o conceito não abrange e aquele aspecto singular do objeto ou da justaposição de elementos antagônicos que resiste à conceituação.

⁴⁵¹ ADORNO, T. *Sobre sujeito e objeto*. In: *Palavras e Sinais. Modelos críticos 2*. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 199.

Em virtude das razões apresentadas, o particular e o universal se identificam na medida em que ambos são abstrações conceituais, e se diferenciam na medida em que o primeiro, muito embora seja uma determinação conceitual, está sujeito ao devir e, por isso, não pode ser logicamente identificado consigo mesmo, ao passo que o segundo pretende estabilizar no conceito a apreensão, ainda que provisória e parcial, tanto da constituição interna de um determinado objeto quanto dos objetos e realidades dialeticamente justapostas.

No entanto, a problemática do particular e do universal no domínio da dialética, subsidiará a discussão subsequente acerca das questões da identidade e da negação, na tentativa de desenvolver a crítica adorniana, sobretudo, ao terceiro momento da dialética hegeliana.

2. A Síntese conceitual [ou: a negação da negação]

O conceito, enquanto possibilidade de distinção de objetos e realidades circunscritas num determinado “campo de imanência”, é o *organon* do pensamento e, conseqüentemente, instrumento indispensável nos procedimentos da dialética em todas suas variantes.

Dado o caráter necessário do conceito no âmbito do pensamento dialético, faz-se mister compreender, pelo menos genericamente, duas de suas características fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, são elas: a posição do conceito enquanto momento de estabilização de um objeto ou realidade dialeticamente justaposta e a experiência do conceito enquanto movimento sujeito à dinâmica da “negação” que o obriga a mover-se.

No contexto da dialética, o conceito é a determinação positiva e universal de elementos e casos particulares. Entretanto, a positividade das determinações conceituais tende a exercer violência tanto àquilo que no âmbito da lógica interna de um determinado objeto resiste à identidade conceitual quanto aos elementos dialogicamente justapostos de uma determinada realidade. Dessa forma, o conceito é a instância mediadora que define objetos particulares e agrupa aspectos distintos ou heterogêneos sob o invólucro da unidade.

Na medida em que define ou agrupa casos particulares, o conceito trabalha no sentido de estabilizar determinado objeto no tempo; destarte, em sua concretude prescrita na dialética, o conceito revela-se como um momento da realidade e, como tal, o agente que posiciona algo no tempo. Entretanto, pelo fato do conceito agregar em seu bojo as particularidades não idênticas daquilo sobre o que realiza o seu trabalho, esses elementos impulsionam o conceito a movimentar-se. Hegel assevera que: “É, pois, no automovimento do conceito que eu situo a razão de existir da ciência”.⁴⁵²

Embora Adorno concorde com Hegel que o conceito é condição de possibilidade do pensamento e que o negativo (não idêntico) é a força motriz da dialética, na medida em que impele o conceito à automoção, o filósofo de Frankfurt nega-se a aceitar que o movimento do conceito seja produzido pela força predominante de um suposto sujeito absoluto, que predetermina e orienta a dialética no sentido de suprassumir cada um de seus momentos, num movimento que realiza sínteses contínuas cuja meta é o retorno ao espírito absoluto. Consoante Adorno:

A verdade na dialética idealista impele para além de todo e qualquer elemento particular como algo falso em sua unilateralidade, seria a verdade do todo; se ela não fosse previamente pensada, os passos dialéticos perderiam sua motivação e direção.⁴⁵³

Do que foi dito resulta que: se para Hegel “o verdadeiro é o todo”⁴⁵⁴ no âmbito da dialética, para Adorno, ao contrário, o todo é falso; daí a acusação enfática à dialética idealista segundo a qual “a dialética é a ontologia do estado falso”⁴⁵⁵. A dialética negativa suspende a pretensão hegeliana de coroar a síntese como momento último ou o *telos* da dialética, contudo enfatiza que o cerne da dialética é a “negação determinada”.

⁴⁵² HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. 6 ed. Trad. Paulo Menezes; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 69.

⁴⁵³ ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 17.

⁴⁵⁴ HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. 6 ed. Trad. Paulo Menezes; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 36.

⁴⁵⁵ ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 18.

Adorno alerta para a falsidade da síntese conceitual na dialética idealista argumentando que, na medida em que a síntese é uma negação da negação, ela justifica a insuficiência desta última, produzindo um falso estado de coisas, que tende a imobilizar a dialética em um único momento: a tese. Assim, a dialética que aparentemente é um movimento que sintetiza dois momentos antagônicos e se desdobra em um terceiro “ato”, fica engessada na tese. Logo, a negação enquanto crítica e resistência à síntese conceitual, realiza seu papel na dialética negativa ao libertar a dialética de seus entraves colocando-a em movimento.

Pelo fato de ter premeditado todos os momentos da experiência do espírito absoluto, desde sua “alienação de si” até o retorno a si mesmo, o desdobramento da verdade na dialética de Hegel não constitui verdadeiramente um caminho em direção à síntese, mas, ao contrário, nada mais é que uma análise, não obstante escamoteada por uma ideologia que pretende priorizar um modo específico de consciência ou um “estado de espírito” que supervaloriza a síntese em detrimento da subvalorização da análise.

No entanto, a negação determinada, que por meio dos momentos conceituais circunscritos em sínteses parciais, não permite que os conceitos particularizados sejam reduzidos àquela síntese constitutiva da noção de sistema. Ou seja, a negação determinada, valendo-se dos momentos conceituais que se repelem mutuamente, conserva o impulso sistemático e elimina, porém, a noção de sistema como pretensão escatológica da dialética.

No âmbito da concepção de “negação determinada”, o filósofo frankfurtiano delimita a posição e a experiência do conceito no interior da dialética. A particularização de aspectos singulares da realidade é condição fundamental para estabelecer o conceito como algo que posiciona os objetos, destacando-os e diferenciando-os de seus pares; entretanto, é a negação determinada que sustenta a alteridade dos objetos conceituados em suas interações mantendo, de certo modo, os impulsos da não identidade das particularidades conceituadas e dos conceitos como momentos que se contrapõem.

Considerando a lógica da dialética, Adorno observa que “o conceito é um momento como outro qualquer”⁴⁵⁶, mas sua tarefa enquanto *organon* do pensamento é contrapor-se dialeticamente àquele esforço do pensamento que pretende absorvê-lo na totalidade de um sistema, pois, o autor da *Dialética negativa* assegura que “Conceber uma coisa mesma e não meramente adaptá-la, reportá-la ao sistema de referencias, não é outra coisa senão perceber o momento particular em sua conexão imanente com outros momentos”.⁴⁵⁷

Ao realizar sínteses conceituais que unem elementos que, por não se identificarem uns com os outros, se negam e se repelem mutuamente, a dialética hegeliana forja o movimento do conceito a partir do exterior das relações intraconceituais falsificando-o por meio da síntese. Em verdade, esse movimento procede da repulsa entre os conceitos que não se identificam entre si, todavia fazem desta não identidade, ou seja, da negação, a força propulsora que confere movimento ao pensamento.

Para restituir o protagonismo da negação, destituído pela síntese no contexto do pensamento dialético, Adorno acusa a última de diluir o impulso dos momentos conceituais que se repelem, anulando a capacidade dos conceitos de irem além de si mesmos. Nas palavras do filósofo, “a síntese é a determinação da diferença que sucumbiu, ‘desapareceu’ no conceito”.⁴⁵⁸

Ora, se a posição do conceito é definida pelo trabalho de estabilizar um determinado objeto ou realidade, a experiência do conceito diz respeito à sua dinâmica em relação ao seu outro. Essa relação faz com que o conceito, por força e necessidade próprias, abra novos horizontes orientado não pela coerção da síntese que compele o não idêntico à identidade, mas pelos momentos conceituais que, em virtude de suas próprias insuficiências constitutivas, determinadamente negam-se uns aos outros.

⁴⁵⁶ ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 19.

⁴⁵⁷ ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 30.

⁴⁵⁸ ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 137.

3. O crepúsculo da identidade

Em virtude do caráter subjetivo da síntese conceitual que abarca as particularidades concretas na abstração especulativa do conceito e no intuito de levar adiante a crítica à dialética hegeliana, Adorno empreende um esforço de correção materialista da dialética idealista sem, entretanto, prescindir dos seus principais aspectos constitutivos. O filósofo reconhece o caráter necessário da relação sujeito e objeto de toda a tradição da teoria do conhecimento, porém, subverte-a ao introduzir a noção da primazia do objeto, sem abandonar, contudo, o sujeito.

O primado do objeto catalisa a força especulativa do negativo, resguarda o impulso sistemático da dialética e exige a imersão do pensamento no particular para perceber nele o que há do universal, isto é, o que foi deste mimetizado no particular. O primado do objeto destitui a compulsão à identidade imputada ao não idêntico prescrita na síntese conceitual que, analiticamente, direciona os desdobramentos da dialética pré-ordenados pelo espírito absoluto.

Na medida em que a síntese conceitual reduz as particularidades não idênticas que se negam mutuamente, simula um estado de conciliação abstrato e universal. Contudo, esse estado de coisas criado pela síntese se estabelece estritamente como promessa, já que não se realizara concretamente, ou se quiser, na práxis. Por essa razão, Adorno dirige seu olhar para o não idêntico na tentativa de extrair a verdade da dialética, apostando que ela reside na negação das particularidades que se opõem. Negação que incontinentemente resiste àquele falso estado de reconciliação imposto pelo pensamento da identidade.

A crítica à identidade conceitual no pensamento de Adorno consiste na denúncia da transposição do concreto para o conceitual especulativo, tarefa realizada pela dialética idealista por meio da síntese. Adorno considera que o eixo central da dialética consiste em

alterar esta direção da conceptualidade, voltando-a para o não idêntico⁴⁵⁹. Esse feito salvaguardaria aqueles aspectos não idênticos do conceituado, o que demonstraria a falibilidade do conceito em sua pretensão de apreender integralmente os aspectos daquilo que conceitua.

O “crepúsculo da identidade”, tal como sugerido no título deste capítulo do trabalho, aponta para o pacioso deter-se ou o “demorar-se” do pensamento dialético na contradição, no não idêntico, no negativo, sem transfigurá-lo naquela identidade cujo pensamento exterior à dialética forçosamente o compele. A dialética negativa, como crítica imanente, suspende toda pretensão de aplainamento lógico do não idêntico e evidencia a negação como resistência à identidade.

A positividade alcançada pela síntese como negação da negação na dialética idealista revela a não verdade da identidade e dissimula a efetividade da negação que impõe resistência à identificação do positivo na síntese conceitual. Nas palavras de Adorno:

Não se pode conquistar imediatamente o não idêntico como algo que seria por sua parte o positivo, nem tampouco pela negação do negativo. Essa negação não é ela mesma, como em Hegel, afirmação (...). A equiparação da negação da negação com a positividade é a quinta-essência do identificar, o princípio formal levado à sua forma maximamente pura. Com ele, o princípio antidialético conquista sua supremacia no ponto mais íntimo da dialética, aquela lógica tradicional que assinala *more arithmetico*, menos vezes menos como mais. Essa lógica é tomada de empréstimo à matemática contra a qual Hegel reage de maneira tão idiossincrática. Se o todo é o domínio do encantamento, o negativo, então a negação das particularidades que possuem neste todo sua suma conceitual permanece negativa. Seu positivo seria somente a negação determinada, a crítica, e não um resultado desenvolvido que felizmente teria em mãos a afirmação.⁴⁶⁰

Ao voltar-se para o não idêntico, privilegiando o momento concreto e objetivo da dialética, Adorno denuncia a positividade da síntese na dialética idealista como a responsável pela obliteração do verdadeiro papel da negação no âmbito da dialética, qual seja: impulsionar a

⁴⁵⁹ Cf. ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 19.

⁴⁶⁰ ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 137.

dialética em seu movimento rumo ao não conceitual, porém, por meio de conceitos evidenciando a negação como a força motora que protagoniza esse movimento.

É precisamente nessa perspectiva que a dialética adorniana apresenta-se como uma aporia à dialética hegeliana, ou seja, na medida em que Adorno alega que o terceiro momento da dialética de Hegel suprassume as particularidades não idênticas, ela produz um falso estado de conciliação, representado pela síntese conceitual. Destarte, a dialética idealista empreende o esforço de negar o negativo, mas mantendo-o sob o falso invólucro da identidade positiva.

Haja vista não ser a síntese a verdade da dialética, como pretendia Hegel, Adorno sugere que a dialética negativa seja uma proposta de dialética aberta, não coagulada em seus momentos e tampouco em sínteses conceituais. Schweppenhäuser escreve que: “Dialética ‘negativa’ não é outra coisa que a negação determinada da dialética idealista. Ela gostaria de libertar o particular, o não idêntico, da subordinação no universal e no idêntico do conceito”.⁴⁶¹

Com efeito, nos fundamentos da dialética negativa reside a rejeição da harmonia entre o conceituado e o conceito, entre o particular e o universal. Adorno assevera que a harmonia representada pela síntese conceitual na dialética idealista corresponde àquele falso estado de conciliação já mencionado neste trabalho. O verdadeiro estado de conciliação seria aquele que “desmontaria o caráter da compulsão lógica à qual a dialética obedece”.⁴⁶²

A dialética negativa preserva o impulso advindo dos momentos particularizados no conceito que se contrapõem uns aos outros, sem permitir, contudo, que tais momentos sejam subsumidos no denominador comum da identidade universal da síntese. A verdade

⁴⁶¹ SILVA, Eduardo Soares Neves. *Filosofia e arte em Theodor W. Adorno. A categoria de constelação*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil., 2006, p. 40, Apud, SCHWEPPENHÄUSER, Gerhard (Org.). *Soziologie im Spätkapitalismus: zur Gesellschaftstheorie Theodor W. Adornos*. Darmstadt: WBG, 1995.

⁴⁶² Cf. ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 14.

da dialética consiste não no esforço (de) unificar o distinto, mas de distinguir o diverso encarcerado no pensamento da unidade. Nesse sentido, a dialética negativa anuncia o crepúsculo da identidade.

Considerações finais

Considerando o enorme escopo que se abre ao tentar interpretar os conceitos de particular universal no pensamento de Adorno, este trabalho procurou limitar-se aos aspectos mais relevantes da análise dessas expressões, privilegiando aqueles mais significativos para os desdobramentos da discussão subsequente. Se a análise desses conceitos ficou restrita por um lado, por outro tal restrição favoreceu o desenvolvimento do trabalho no âmbito do recorte temático proposto.

Ao tratar da questão da “negação como resistência à identidade”, a tentativa foi demonstrar o papel da negação na dialética idealista de Hegel e na dialética (não idealista) de Adorno. Se para o primeiro a negação é um momento necessário na dialética que desemboca na identidade da síntese, para o segundo a negação é igualmente um momento necessário, porém, é um momento que aponta para um modelo de dialética aberta, sem síntese.

Adorno empreende sua crítica à dialética hegeliana, alegando que ela estatui um falso estado de conciliação na medida em que estabelece o positivo por meio da negação do negativo. Nessa perspectiva, o terceiro momento da dialética idealista equaliza as particularidades concretas do não idêntico na universalidade abstrata da síntese.

Portanto, o trabalho que aqui se encerra, buscou realizar uma leitura da dialética adorniana privilegiando a atenção que o autor dispensa ao papel do negativo, situando a negação como a força motora do pensamento e contraposição do não idêntico que, enquanto particularidade, resiste à compulsão universalizante do pensamento da identidade e da positividade que se impõe tradicionalmente na história da dialética.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *Sobre sujeito e objeto*. In: *Palavras e Sinais. Modelos críticos 2*. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Três estudos sobre Hegel*. Trad.: Ulisses Razzante Vaccari. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

_____ e HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Ática, 2006.

CHIARELLO, Maurício. *Natureza-morta. Finitude e negatividade em Theodor Adorno*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. 6 ed. Trad. Paulo Menezes; com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NOBRE, Marcos. *A dialética negativa de Theodor Adorno. A ontologia do estado falso*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SILVA, Eduardo Soares Neves. *Filosofia e arte em Theodor W. Adorno. A categoria de constelação*. 2006. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.